

A Interprofissionalidade nos Cursos de Enfermagem de Instituições de Ensino Superior Públicas da Região Sul do Brasil

Interprofessionality in Nursing Courses at Public Higher Education Institutions in the Southern Region of Brazil

Bernarda Cesira Cassaro

Enfermeira - Hospital Regional do Oeste

E-mail: bernardaadm44@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2028-5467>

Franklin de Almeida Cipolato

Acadêmico de enfermagem - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

E-mail: franklincipolato1999@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4345-6740>

Larissa Jaíne Pinheiro

Enfermeira - Universidade Federal da Fronteira Sul

E-mail: lariae_jainee@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0586-2470>

Larissa Hermes Thomas Tombini

Doutora em Saúde Coletiva - Universidade Federal da Fronteira Sul

E-mail: larissa.tombini@uffs.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6699-4955>

Graciela Soares Fonseca

Doutora em Ciências Odontológicas - Universidade Federal da Fronteira Sul

E-mail: graciela.fonseca@uffs.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9506-0409>

Resumo

Objetivo: Identificar componentes curriculares ou disciplinas interprofissionais nos Projetos Pedagógicos Curriculares dos cursos de graduação em enfermagem das Instituições de Ensino Superior públicas localizadas na região Sul do Brasil. **Método:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, norteado por análise documental, cujo *corpus* foram os PPC dos cursos de graduação em Enfermagem. **Resultados:** Foram identificados 18 cursos de graduação em enfermagem e somente um deles apresentava um componente curricular eletivo que inclui diretamente interprofissionalidade em sua ementa, outros dois cursos abordam a temática em alguns componentes curriculares. Na análise da disciplina ímpar que dá ênfase a interprofissionalidade, frisa-se a eletividade e o fato de não exigir pré-requisitos. **Conclusão:** A

Educação Interprofissional pode ser considerada uma ferramenta essencial para formar e preparar profissionais de saúde aptos a enfrentar as dificuldades e fragilidades dos serviços, de modo a intervir com maior grau de resolubilidade nos problemas de saúde da população.

Palavras-chave: Saúde; Educação Interprofissional; Enfermagem.

Abstract

Objective: To identify curricular components or interprofessional disciplines in the Curricular Pedagogical Projects of undergraduate nursing courses in Higher Education Institutions located in the southern region of Brazil. **Method:** This is a qualitative exploratory study guided by documentary analysis, whose corpus was the PPC of undergraduate nursing courses. **Results:** 18 undergraduate nursing courses were identified and only one of them had an elective curricular component that directly includes interprofessionalism in its menu, two other courses address the theme in some curricular components. In the analysis of the unique discipline that emphasizes interprofessionalism, electricity is emphasized and the fact that it does not require prerequisites. **Final Considerations:** Interprofessional Education can be considered an essential tool to train and prepare health professionals able to face the difficulties and weaknesses of the services, in order to intervene with a higher degree of resolutions in the population's health problems.

Keywords: Health; Professional Education; Nursing.

Introdução

O Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro é palco de lutas permanentes em prol da garantia de seus princípios, visando um projeto político baseado em uma sociedade justa e igualitária. Neste contexto, se faz necessário, cada vez mais, a formação de profissionais engajados com as transformações, capazes de trabalhar em equipe tendo o usuário como centro de suas práticas.¹

A organização do ensino brasileiro é pautada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, entretanto os cursos da área da saúde seguem diretrizes curriculares específicas, sendo que no caso da enfermagem elas foram definidas pela resolução número 3, de 7 de novembro de 2001, do Conselho Nacional de Educação (CNE), almejando um perfil de enfermeiro com formação generalista, crítica, reflexiva e ética, qualificado para atuar com base na determinação social do processo saúde-doença. Assim, os cursos de graduação em Enfermagem objetivam formar enfermeiros capazes de identificar, analisar e intervir nas necessidades dos indivíduos além de estimular o desenvolvimento de habilidades em processos de liderança, negociação, visão sistêmica, facilidade de relacionamento interpessoal, foco no cliente, talento para o estímulo ao trabalho em equipe e comunicação. Os serviços buscam equipes capazes de atender às necessidades dos usuários levando em consideração toda a evolução do mercado e a adesão às novas tecnologias para os processos de tomada de decisão como ferramenta de gestão de pessoas.^{2,3,4}

O trabalho em enfermagem exige um plano de cuidados elaborado a partir das necessidades e fragilidades do usuário, sendo codependente da atuação dos mais profissionais envolvidos no processo de prevenção e reabilitação. Ao trabalharmos juntos e em conjunto, nossas intervenções interferem nas dos demais, criando metodologias compartilhadas que influenciam no plano terapêutico do paciente e proporcionam o aumento do campo de saber de cada profissional, e através dessas relações cooperativas e colaborativas, ampliamos o arsenal de pensamentos e conhecimento para investigar, reconhecer valores e estratégias para a resolução de fragilidades e complicações encontradas durante a prática profissional.^{5,6}

O modelo vigente e tradicional de formação é baseado na compartimentalização do saber, estabelecendo diversas barreiras para a construção de práticas e conhecimentos, caracterizado pelo modelo de ensino baseado na hegemonia de disciplinas. Pensar em uma nova dinâmica de organização e fortalecimento do sistema de saúde consiste no apoio ao contexto amplo da saúde e baseia-se nas necessidades dos usuários exigindo a lógica do trabalho em equipe, para tanto, o processo de formação deve estar alinhado com as estratégias que sustentem o fortalecimento do sistema.^{7,8}

Nesse contexto, levando em conta o período de significativa crise mundial de força de trabalho em saúde, buscou-se estratégias capazes de desenvolver programas e identificar recursos que resultem no trabalho colaborativo em equipe. O termo interprofissionalidade tem ganhado destaque junto às políticas de saúde evidenciando a necessidade da inserção do trabalho em equipe nos currículos de graduação. A Educação Interprofissional (EIP) acontece a partir do momento em que duas ou mais profissões aprendem entre si para melhorar a colaboração e a qualidade da assistência. Ao entender como ocorre o trabalho em equipe, os futuros profissionais estarão preparados para entrar em um ambiente de trabalho colaborativo, fortalecendo o sistema de saúde e otimizando as habilidades de seus membros.^{9,10,11}

Com este fim, a EIP deve ser adicionada ao conteúdo programático da graduação, considerando-se que é neste período que o estudante desenvolve seu pensamento crítico acerca da sociedade e sua influência nos sistemas de saúde existentes. Ressalta-se que este período é considerado sublime para a compreensão da magnitude da troca de conhecimentos multiprofissionais como ferramenta fundamental para a melhora da qualidade do serviço.¹⁰

No Brasil, as práticas de EIP são pouco difundidas nas Instituições de Educação Superior (IES), devido ao recente debate e apoio às práticas interprofissionais no país. Nota-se que os profissionais formados a partir da vivência interprofissional tornam-se mais abertos para a aprendizagem compartilhada, desenvolvem relações mais próximas entre os envolvidos e estão melhor preparados para o trabalho em equipe na medida em que potencializam o alcance das competências profissionais.^{10,12}

Dentre a série de desafios para a implementação da EIP, destaca-se a linguagem utilizada em cada uma das áreas, além dos estereótipos atribuídos a cada uma das profissões, aspectos culturais, assimetrias de gênero que envolvem principalmente os estudantes; e, por fim, a questão curricular e institucional, limitante para a integração entre cursos de graduação de diferentes profissões. Além disso, ressalta-se as deficiências do corpo docente, personagens principais para a garantia desta prática pedagógica. Para a maioria dos professores, essa vivência requer novos saberes e habilidades não cabíveis aos seus currículos dificultando o ensino embasado na interprofissionalidade.¹³

Diante desse contexto, este trabalho objetiva identificar componentes curriculares ou disciplinas interprofissionais nos Projetos Pedagógicos Curriculares (PPC) dos cursos de graduação em enfermagem das IES públicas localizada na região Sul do Brasil.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, norteado por análise documental, cujo *corpus* foram os PPC dos cursos de graduação em Enfermagem de IES públicas localizadas na região Sul do Brasil. Para a identificação das IES públicas que ofertam o curso de enfermagem, utilizou-se o sistema de busca do portal do Ministério da Educação, sendo identificados 18 cursos de graduação

em enfermagem: oito no Paraná, quatro em Santa Catarina e seis no Rio Grande do Sul.

Destaca-se a região selecionada para o estudo devido a proximidade com a realidade dos autores, componentes do corpo docente e discente das IES analisadas.

A partir destes dados, foi localizado o PPC de cada curso nos sites institucionais das IES no mês de agosto de 2019. Foram encontrados 16 PPC dos 18 cursos pesquisados. Cada PPC foi analisado, buscando em seu texto (por intermédio da ferramenta de busca do PDF) o termo interprofissionalidade e componentes curriculares ou disciplinas, analisados a partir das ementas, que trabalham o tema ou que são direcionados para o estudo interprofissional. Considerou-se o ano em que o PPC foi desenvolvido, o nome do componente, a carga horária ofertada e se é obrigatório ou eletivo.

Os resultados foram descritos em formato de tabela e a discussão discorre relacionando a importância das práticas colaborativas e da interprofissionalidade para a formação de profissionais capacitados e líderes. Os achados foram discutidos à luz de referenciais recentes e da Política de Educação Permanente em Saúde.

Resultados

A partir da análise desse *corpus*, foi identificado um componente curricular, eletivo, com carga horária de 30 horas/aula, que divide a ementa em interprofissionalidade, fortalecimento na comunicação entre profissionais de saúde e comunicação terapêutica e suas dificuldades. A instituição que disponibiliza este componente curricular eletivo é a Universidade Federal do Paraná (UFPR) que nomeia a matéria como “Comunicação Interprofissional e Terapêutica em Saúde”. Nos demais PPC não havia nenhum componente curricular ou disciplinas focadas na temática.

Outros dois cursos de graduação abordam a temática interprofissionalidade na ementa de alguns componentes curriculares. Nos demais PPC (13), não foi possível identificar a inserção da interprofissionalidade, seja na análise das ementas, seja na busca pela palavra “interprofissionalidade” no texto do PPC. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Discussão

Apesar do expressivo número de cursos de graduação em enfermagem no Sul do Brasil, a pesquisa apontou para a escassez de disciplinas ou componentes curriculares que abordem a interprofissionalidade em saúde, reafirmando a formação voltada ao saber único e específico do profissional enfermeiro, fato que caracteriza que os processos educacionais em saúde contribuem para um padrão pouco colaborativo.¹³

Na análise da disciplina ímpar que dá ênfase a interprofissionalidade, frisa-se a eletividade e o fato de não exigir pré-requisitos. Neste sentido, compreende-se que os métodos de ensino da EIP aplicados a disciplina independem do conhecimento dos acadêmicos, em contrapartida, o embasamento teórico e conhecimento científico dos acadêmicos é pré determinado de acordo com fase em que se encontram no processo de formação.

A disciplina pode ser utilizada em dois tempos: nas fases iniciais como instrumento preparador para o trabalho colaborativo ou nas fases mais tardias, como reforço das experiências de aprendizado.¹⁴ Destaca-se que ensino direcionado à acadêmicos de diversas fases, em conjunto, pode se tornar um instrumento auxiliador da formação, uma vez que as experiências vividas em diferentes momentos proporcionam fomento ao diálogo e aumentam o leque de visões e contribuições para

os levantamentos e experiências levantados.

Outro fator em destaque, refere-se a eletividade das disciplinas interprofissionais, o que representa extrema fragilidade em sua abordagem. Em suma, a não obrigatoriedade da disciplina dentro dos componentes curriculares, desvaloriza sua função enquanto formadora, podendo ser facilmente compreendida como um complemento ao ensino e não um instrumento essencial para a prática profissional. Seu desenvolvimento deve ser qualificado com o mesmo peso que as disciplinas obrigatórias se tornando essencial para a formação específica da profissão.¹⁴

No que corresponde a ementa da disciplina, seus componentes englobam temáticas amplas, exigindo uma carga horária demasiadamente grande, o que não condiz com a disponibilizada pela instituição. Para que o conhecimento em EIP seja desenvolvido e posteriormente fortalecido através das práticas profissionais, demanda-se embasamento científico e uma construção linear de conhecimento. O ensino baseado na EIP exige esforço e dedicação, e somente através destes, há uma compreensão da dimensão do trabalho colaborativo. Neste cenário, a carga horária pode tornar-se um empecilho para sua efetividade.¹⁴

A EIP consiste em ocasiões em que duas ou mais profissões são capazes de aprender juntas com o propósito de avançar na perspectiva de colaboração. Os movimentos educativos atualmente desenvolvidos partem de parcerias entre IES e coordenadorias de saúde regionais¹⁵ o que viabiliza o acesso aos serviços de saúde e toda a equipe multidisciplinar que os compõem.

Neste sentido, ao que tange às demais ementas e PPC analisados, as disciplinas curriculares são lecionadas em dois tempos do período letivo, divididos em: a) conteúdo teórico-transversal, realizado dentro da sala de aula da instituição, visando fornecer embasamento científico através de aulas teóricas com professores especialistas nas áreas e, b) Atividades Teórico Práticas (ATP) realizadas dentro dos serviços de saúde com o acompanhamento de professores especialistas e os profissionais de saúde atuantes nos serviços de inserção. As ATP proporcionam cenários adequados e específicos para a educação interprofissional e multiprofissional, tendo em vista que são realizadas dentro do campo de prática e com enfoque intervencionista, envolvendo os acadêmicos com os profissionais do serviço em todas as suas áreas de atuação.⁵

O aprendizado dentro dos serviços de saúde proporciona vantagens para todos os atores envolvidos: para os acadêmicos, oferece uma formação contextualizada pela realidade e dá suporte ao aprendizado teórico, para os docentes oportuniza um retorno ao serviço, qualificando o processo de ensino e para os profissionais fornece constante atualização de conhecimentos e práticas. Salienta-se que este método fomenta a PNEPS, diminuindo a distância entre o aprender e o fazer.^{10,16}

Durante a prática supervisionada, destacam-se algumas características que dificultam o diálogo docente-estudante, trata-se da negação dos acadêmicos às intervenções e sugestões dos profissionais, reflexo da falha na confiança dos mesmos com os acadêmicos. O impacto da realidade dos usuários desperta um sentimento revolucionário nos acadêmicos, ansiando ações efetivas dentro da sua área para a resolução das dificuldades encontradas, quando conscientes da indisponibilidade de fazer algo, sentem-se impotentes e não são capazes de visualizar a dimensão de conhecimento a que estão expostos.¹⁷ Deste modo, o campo de atividade prática acaba apresentando mais impasses para a formação interprofissional dos futuros profissionais, por automaticamente afunilar e reduzir suas intervenções ao próprio campo de estudo.

A implementação da EIP é uma tarefa árdua e exige esforço e paciência durante os processos

necessários para sua adoção. A iniciativa deve envolver diversos personagens, tais como professores de diferentes cursos, acadêmicos, gestores, profissionais dos serviços de saúde e usuários. Além disso, exige espaços propícios e debates para que surjam novas ideias, metodologias e o ensino seja potencializado.⁵ É necessário que as IES contem com uma grade de cursos da área da saúde, tais como Fisioterapia, Psicologia, Farmácia, Educação Física, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Nutrição para garantir a viabilidade do ensino colaborativo. Através da EIP, o usuário torna-se o protagonista da atenção, exigindo o foco e o saber de todos os profissionais envolvidos no processo de recuperação e promoção de saúde.

Salienta-se que a educação refere-se a um processo coletivo e permanente, em constante mutação e que permite a transformação da realidade a partir de ação e reflexão de um grupo.¹⁸ Diante do exposto, a formação baseada em metodologias ativas e multiprofissionais oportuniza o aprendizado interprofissional através do diálogo coletivo além de estimular a assistência baseada em práticas colaborativas.⁵

O profissional enfermeiro apresenta-se como coordenador de serviços de saúde tornando-se indispensável para a prática interprofissional no trabalho em equipe, buscando novos métodos e estimulando o despertar para questões subjetivas do cuidado e relações de diálogo fomentando a assistência em saúde. Para que isto ocorra, a conceitualização e reflexão da temática deve ser estimulada e garantida nas academias e no ambiente de trabalho. A Práticas Interprofissionais e Colaborativas em Saúde apresenta-se como um conceito novo e pouco difundido entre os profissionais dos serviços expondo a necessidade da sua inclusão na formação de novos profissionais.¹⁹

Como fragilidades do estudo, destacam-se duas. A primeira refere-se a possibilidade de existirem componentes curriculares ou disciplinas interprofissionais presentes nos PPC de outros cursos de graduação em saúde nas IES analisadas. Em função do foco na graduação em Enfermagem, optou-se por não expandir a análise a todos os cursos disponíveis e portanto, não foram inclusos neste trabalho mas denota-se a emergência em estudá-los. E a segunda, dimensiona o olhar para a interprofissionalidade a partir de graduações não inseridas diretamente no campo saúde, como a Sociologia e a Antropologia. Ressalta-se que a saúde apresenta-se multifacetada e engloba um conjunto de saberes e práticas, e compreender seu conceito inclui perceber a sociedade e os indivíduos que a perpetuam.²⁰

Frente as dificuldades para o encontro de fundamentação teórica e materiais já produzidos e publicados sobre a temática, os resultados encontrados nesta pesquisa servem como fomento para a emergencialidade de estudos na área, servindo como exemplo dos inúmeros desafios para a inserção da educação interprofissional nos processos de formação.

Considerações Finais

Dentre os dezoito cursos de graduação em enfermagem de IES públicas da região Sul do Brasil, foram encontradas três instituições que abordam com insipiência a temática dentro de sua grade curricular e somente uma das instituições oferta uma disciplina com foco específico na interprofissionalidade.

Para que haja excelência na formação de enfermeiros, o processo de educação deve ser embasado em práticas colaborativas e na construção de estratégias de cuidado capazes de integrar todos os profissionais necessários para a recuperação da saúde. Neste contexto, a EIP dos futuros profissionais faz-se necessária pois possibilita o aprendizado coletivo das diversas esferas que

compreendem a integralidade na assistência à saúde, de modo que o reconhecimento das áreas se torne predominante em relação à fragmentação. Como resultados promove-se a atuação articulada e integrada em equipe, por meio das práticas colaborativas nos serviços.

A educação interprofissional oportuniza aos estudantes o aprendizado em conjunto com os demais profissionais e estimula o desenvolvimento de habilidades e aptidões necessárias para o trabalho coletivo.¹⁴

É necessário intensificar o movimento da EIP e estimular as IES a incluir iniciativas que visem a formação através de trabalho interprofissional, a fim de formar profissionais de saúde, em especial enfermeiros, competentes para atuar frente a realidade e necessidades em saúde da população, considerando-se que o investimento na EIP exige práticas baseadas em rigorosas evidências e resultados graduais positivos. A substituição do ensino limitado a transmissão teórica de conteúdo pelo uso de métodos ativos e exemplos da prática profissional promovem uma educação baseada na constante produção de conhecimento e quando aliada aos demais cursos da área da saúde, tornam-se ferramentas facilitadoras do processo de tomada de decisão no futuro ambiente de trabalho.^{14,21}

A EIP pode ser considerada uma ferramenta essencial para formar e preparar profissionais de saúde aptos a enfrentar as dificuldades e fragilidades dos serviços, de modo a intervir com maior grau de resolubilidade nos problemas de saúde da população. Há urgência em educar os futuros profissionais sob correntes de pensamentos conjuntos que beneficiem os usuários e desfragmentem os sistemas de saúde. Ressalta-se que a institucionalização do pensamento interdisciplinar só concretizará se ampliarmos e disseminarmos as vantagens proporcionadas pelas pesquisas e pelo ensino interdisciplinar dentro do ambiente de trabalho em saúde.

Referências

¹ Costa MV, Filho JRF, Brandão C, Silva JAM. A Educação e o trabalho interprofissional alinhados ao compromisso histórico de fortalecimento e consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS). Interface, comunicação, saúde e educação, v 22, Botucatu - 2018. DOI: 10.1590/1807-57622018.0636.

² Public law: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Pub. No 9.394 (dez 20, 1996).

³ Public Law: Resolução CNE/CES 3/2001. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 37 (nov 9, 2001).

⁴ Nishio EA, Baptista MACS. Educação Permanente em Enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

⁵ Paro CA, Pinheiro R. Interprofessionality in undergraduate Collective Health courses: a study on different learning scenarios. Interface (Botucatu). 2018; 22 (Supl. 2):1577-88.

⁶ Batista NA, et al. Educação interprofissional na formação em Saúde: a experiência da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos, Brasil. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. 2018; 22:1705-1715.

⁷ Toassi RFC, organizadora. Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos? [recurso eletrônico] – 1.ed. – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017.p. – Série Vivência em Educação na Saúde.

⁸ Lima VV, Ribeiro ECO, Padilha RQ, Mourthé Júnior CA. Challenges in the education of health professionals: an interdisciplinary and interprofessional approach. *Interface (Botucatu)*. 2018; 22(Supl. 2):1549-62.

⁹ Organização Mundial Da Saúde. Marco para Ação em Educação Interprofissional e Prática Colaborativa. Genebra: 2010.

¹⁰ Ceccim RB. Conexões e fronteiras da interprofissionalidade: forma e formação (Botucatu). 2018; 22(Supl. 2):1739-49.

¹¹ Silva LAA, Soder RM, Petry L, Oliveira IC. Educação permanente em saúde na atenção básica: percepção dos gestores municipais de saúde. *Rev Gaúcha Enferm*. març 2017.

¹² Batista NA. Educação interprofissional em saúde: concepções e práticas. *Cad Fnepas*. 2012; 2:25-8.

¹³ Costa MV, Vilar MJ, Azevedo GD, Reeves S. Interprofessional education as an approach for reforming health professions education in Brazil: emerging findings. *J Interprof Care*. 2014; 28(4):379-80.

¹⁴ Reeves S. Why we need interprofessional education to improve the delivery of safe and effective care. *Interface (Botucatu)*. 2016; 20(56):185-96.

¹⁵ Silva LAA, Soder RM, Petry L, Oliveira IC. Educação permanente em saúde na atenção básica: percepção dos gestores municipais de saúde. *Rev Gaúcha Enferm*. març 2017.

¹⁶ Public Law: Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 64 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Série Pactos pela Saúde 2006; v. 9)

¹⁷ Capozzolo A et al. Formação interprofissional e produção do cuidado: análise de uma experiência. *Interface, Botucatu*. 2018; 22(2): 1675-1684. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v22s2/1807-5762-icse-22-s2-1675.pdf>

¹⁸ Freire P. Educação e mudança. 34a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.

¹⁹ Previato GF, Baldissera VDA. Retratos da prática interprofissional colaborativa nas equipes da atenção primária à saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 2018;39:e2017-0132.

²⁰ Russo JA, Carrara SL. Sobre as ciências sociais na Saúde Coletiva - com especial referência à saúde coletiva. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 25 (2): 467-484, 2015

²¹ Gomes MPC, Ribeiro VMB, Monteiro DM, Leher EMT, Louzada RCR. O uso de metodologias ativas no ensino de graduação nas ciências sociais e da saúde: avaliação dos estudantes. *Ciência & Educação*. 2010;16(1):181-98.

APÊNDICES

Tabela 1: Interprofissionalidade nos cursos de enfermagem na IES da região Sul do Brasil. 2018.

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) COM CURSOS DE ENFERMAGEM NO PARANÁ			
INSTITUIÇÃO	ANO PPC	ABORDA A TEMÁTICA	COMPONENTES CURRICULARES
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ (IFPR)	2017	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)	2009	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)	2009	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)	N/E	-	-
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO)	2010	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)	2012	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR)	N/E	-	-
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	2015	SIM	SIM
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) COM CURSOS DE ENFERMAGEM EM SANTA CATARINA			
INSTITUIÇÃO	ANO PPC	ABORDA A TEMÁTICA	COMPONENTES CURRICULARES
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)	2011	NÃO	NÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA (IFSC)	2016	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)	2010	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	2018	SIM	NÃO
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) COM CURSOS DE ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO SUL			
INSTITUIÇÃO	ANO PPC	ABORDA A TEMÁTICA	COMPONENTES CURRICULARES
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE (UFCSPA)	2014	NÃO	NÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA (UNIPAMPA)	2018	SIM	NÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)	2009	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	2016	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)	2012	NÃO	NÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	2012	NÃO	NÃO

Fonte: Os autores.

Submissão: 11/05/2020

Aceite: 13/11/2020